

Presencia de Cuba*

Olga Cabrera

Resumo

Uma apresentação da presença de Cuba em um número especial dedicado a este país, escrita no Brasil, não apenas pode ser formulada com uma abordagem que desconheça alguns aspectos importantes. O artigo analisa democracia em amplos períodos da história cubana, com o objetivo de tentar compreender as perspectivas e também os obstáculos para algumas mudanças que estão esboçando-se, mas que, se percebe acontecerão em Cuba.

Palavras-chaves: Cuba, Democracia, História.

Resumen

Una presentación de la presencia de Cuba en un número especial dedicado a este país escrito desde Brasil, no apenas puede ser formulado con un abordaje que desconozca algunos aspectos de importancia. En el artículo se esboza la presencia de la democracia en amplios períodos de la historia cubana con el objetivo de intentar comprender las perspectivas, y también los obstáculos, para algunos cambios que están esbozándose pero que, se percibe, ocurrirán en Cuba.

Palabras Claves: Cuba, Democracia, Historia.

Abstract

A presentation of the presence of Cuba in a special number dedicated to this

*Artigo recebido em fevereiro e aprovado para publicação em abril de 2008

country, written in Brazil, can not be only formulated with an approach that do not know some important aspects. The article outlines the presence of democracy in wide periods of Cuban history with the aim to understand the perspectives, and also the obstacles, for some changes that are being outlined but, as well as they are realized, will occur in Cuba.

Keywords: Cuba, Democracy, History.

Uma introdução histórica necessária

Uma das dificuldades para a compreensão do problema cubano encontra-se nas complexas relações entre Estados Unidos e Cuba questão que envolve também a emigração cubana no primeiro país. Algumas simplistas explicações da permanência do governo de Fidel Castro durante cinquenta anos no poder, se apresenta como a falta de cultura democrática no povo cubano e esquecem que a história cubana foi uma permanente luta pela democracia. No século XIX, já José Martí exprimiu lutar não contra Espanha, mas, contra sua tirania em Cuba. Seria justamente ele, quem daria o maior exemplo de homem democrático no século XIX quando se apresentou na guerra cubana como o delegado da emigração cubana nos Estados Unidos, o representante do poder desta perante o governo cubano em armas (os emigrados cubanos, principalmente operários das fábricas de charutos que tinham fundado importantes cidades nesse país).

Cuba iniciou seu período democrático com a Constituição de 1901, quando apesar dos planos de Estados Unidos de permanecer no país, devido aos protestos e à oposição cubanas, decidiram-se a deixar o governo aos cubanos¹.

A democracia teve seus grandes conflitos, porém Cuba, nas três primeiras décadas do século XX, serviu para acolher o exílio político mexicano, durante os períodos da Ditadura de Porfirio Díaz e da Revolução Mexicana, o de Venezuela, nos prolongados períodos de ditadura naquele país, para mencionar apenas os mais destacados. As debilidades da democracia cubana responderam

mais à presença dos conflitos derivados das diferenças e da discriminação, herança das plantations escravistas e do colonialismo do século XIX. Mas, apesar de algumas lutas políticas que terminaram em movimentos armados de um partido contra outro (Liberal e Conservador) e das lutas dos negros pela igualdade política, Cuba se caracterizou pela presença da democracia até o ano de 1927 quando o governo legitimamente eleito, do Presidente Gerardo Machado decidiu prorrogar-se no poder.

Começou então uma luta revolucionária que envolveu a inúmeros estudantes, profissionais e pela primeira vez levou à participação das mulheres nas ruas em manifestações públicas, exigindo a liberdade de seus companheiros, amigos e familiares. Muitas vezes elas ocuparam as primeiras linhas nas manifestações para proteger os homens. Por isso a ditadura de Machado iniciou o expediente de mobilizar prostitutas para que agredissem as manifestantes. Na época, ainda nem o Exército nem a Polícia estavam preparados para reprimir nas ruas as mulheres.

O governo de Machado caiu pela fúria popular e iniciou-se um governo provisional de estudantes, não reconhecido pelo governo dos Estados Unidos. Este primeiro governo de estudantes, em poucos dias, foi seguido do primeiro governo provisional de Grau San Martín, também rejeitado pelo governo dos Estados Unidos. As freqüentes ameaças de intervenção dos “marines” de Estados Unidos eram notícia dos jornais durante os meses de setembro de 1933 a janeiro de 1934, quando foi derrubado o governo de Grau San Martín. Durante este governo, um dos seus secretários, o revolucionário Antonio Guiteras realizou várias mudanças com o objetivo de resolver os graves problemas sociais do país. Estas mudanças atingiam as propriedades dos monopólios de Estados Unidos, sobretudo a Companhia de Eletricidade e as usinas de açúcar. Várias foram as tentativas dos Estados Unidos para desestabilizar o governo provisional, dentre elas, o levantamento da antiga oficialidade do Exército no Hotel Nacional, embora a Ementa Platt (imposta pelos Estados Unidos no ano de 1901 como

quesito para sua saída de Cuba e que se manteve como um adendo à Constituição cubana de 1901) já tivesse sido eliminada pelo governo provisional.

Com o apóio de uma das figuras nascidas nas fileiras do Exército durante o movimento contra Machado, iniciou-se um novo governo provisional que contou com o apóio dos Estados Unidos. Porém, as lutas continuaram e, no ano de 1938, o governo provisional legalizou instituições, partidos políticos, sindicatos, reconhecendo a necessidade de uma nova Constituição democrática para Cuba como vinha sendo defendida pela população. Batista foi eleito em eleições democráticas, embora estas fossem acusadas por algumas intervenções do Exército. Várias acusações foram cursadas pelas ilegalidades em alguns colégios eleitorais. Certamente o governo de Batista teve que governar com a presença e participação de uma ativa oposição de senadores e deputados, do Partido Revolucionário Cubano, encabeçado por Ramón Grau San Martín. Nesse contexto, foi amplamente discutida a Constituição de 1940, uma das mais avançadas de América Latina. Nas eleições do ano de 1944, o candidato de Fulgencio Batista perdeu perante o candidato do Partido de Oposição, Ramón Grau San Martín do Partido Revolucionário Autêntico. A democracia mais ampla era uma realidade e, no seu contexto, nascia um novo partido que faria oposição ao governo de Grau San Martín, exigindo mais justiça social, a liquidação da corrupção administrativa e, sobretudo, a realização de uma reforma agrária que desse a terra ao camponês, tal como estabelecia a Constituição de 1940. Este era o Partido Ortodoxo fundado por Eduardo Chibás. Durante o período que se prolonga até o ano de 1952, foram fatos importantes os movimentos pela reforma agrária, pela alfabetização dos camponeses, pelos debates contra a atuação ilegal das empresas de capital estrangeiro, pelas melhores condições para os operários, pela participação dos sindicatos nas negociações da venda do açúcar a Estados Unidos, dentre outras. Tudo indicava grandes avanços democráticos e sociais para o país, pois Cuba era o local no qual iam buscar refúgio muitos dos presidentes democráticos derrubados pelos Exércitos

em países latino-americanos.

No ano de 1952, pouco antes das eleições que previam o triunfo do candidato mais radical do Partido Ortodoxo fundado por Chibás, Fulgencio Batista, que tinha vindo morar no país aparentemente como cidadão comum, deu um golpe de Estado aproveitando seus velhos vínculos com algumas figuras do Exército. Embora quando alguns autores norte-americanos asseguram não ter tido a participação dos Estados Unidos, não há dúvidas que, de imediato, foi reconhecida a ditadura pelo governo dos Estados Unidos. Se antes, no ano de 1933, o governo revolucionário teve o enfrentamento declarado do governo de Roosevelt, no ano de 1952, no contexto da Guerra Fria, o governo Eisenhower reconheceu o governo procedente do golpe de Estado.

O povo cubano começou sua luta contra a ditadura de Batista, pela restauração da democracia e da Constituição de 1940. As lutas que terminaram sendo armadas foram a causa da derrubada da ditadura no mês de janeiro de 1959. Novamente, o governo dos Estados Unidos revela sua oposição a qualquer uma mudança social no país negando o reconhecimento do governo provisional, cujos objetivos eram a realização de eleições democráticas no país e a re-instauração da Constituição de 1940. Na visita de Fidel Castro aos Estados Unidos no ano de 1959, na busca de apoio econômico, o governo dos Estados Unidos pretendeu desconhecê-lo. Apenas no bairro de Harlem os negros o receberam com mostras de afeto e apóio. Mas, não apenas o governo dos Estados Unidos demonstrou sua oposição a qualquer mudança no país. Logo começariam agressões armadas dos desafetos cubanos no território dos Estados Unidos ou nos países satélites como a ditadura de Somoza, em Nicaragua. A rápida tomada de decisões para enfrentar as agressões, justificou as exigências de maior poder por parte de Fidel Castro e o grupo que liderava o país. A situação desembocou na oposição binária: estar com Cuba e a Revolução ou estar com os grupos que eram apoiados pelos Estados Unidos. E a democracia se perdeu no país, e coube à política intervencionista dos Estados

Unidos sua parte de responsabilidade.

Compassos e descompassos na Cuba de hoje

O povo cubano não é um povo que carece de experiência democrática, “gerações formadas na ditadura” e culturalmente não preparadas para a democracia, como freqüentemente se escuta argumentar. A democracia continua sendo um ideal do povo cubano sempre que o governo dos Estados Unidos não pretenda participar no curso dos acontecimentos. Certo que a situação hoje se apresenta mais complexa porque existe a emigração cubana nos Estados Unidos, também não homogênea, e uma parte dela reclama, cinqüenta anos após ter deixado o país, as casas que abandonaram. Para o cubano residente em Cuba essa exigência revela a incapacidade para o diálogo dos grupos que se organizam em torno des reivindicações absurdas.

Outra dificuldade está na incapacidade de alguns intelectuais em penetrar nesse medo internalizado do cubano de ser colocado do lado dos Estados Unidos na oposição binária construída (não apenas pela ideologia fomentada em Cuba, também pelas atitudes do governo de Estados Unidos) nestes quase cinqüenta anos do governo de Fidel Castro. Já esse medo está ausente entre os jovens, segundo revelam alguns fatos. Um editorial do jornal *Vitral* (a.XIII, no 74) editado em Pinar del Río, refere-se à passividade do cubano como “quebranto da essência humana” durante os anos de ditadura de esquerda. A esse fenômeno nomeia o autor do editorial do Jornal católico *Vitral*, de “dano antropológico”: “a deteriorização da subjetividade pessoal que se manifesta por ocasiões, na forma de atrofia ou paralise de uma ou várias das capacidades de cada pessoa para ser ela mesma e não uma cópia de outras” (2006, p.3). Apenas a presença desta crítica revela que algo esta mudando em Cuba.

Após sete anos sem ir a Cuba, visitei o país e permaneci nele durante quase dois meses, novembro/dezembro de 2007. Tinha como objetivo organizar uma revista especial dedicada a esse país

caribenho, cujo passado, presente e futuro interessa a todos e, especialmente, a mim. Tinha como experiência uma visita anterior, no ano de 2000, quando tive enormes dificuldades no meu percurso de visitante, além de não presenciar atividades culturais de importância. Essa situação me deixou mais que triste, deprimida.

O ambiente político também se apresentava bastante fechado. Nesta ocasião, ainda com alguns sintomas que me faziam vislumbrar alguma mudança, cheguei ao país sem muitas expectativas.

A cidade Havana, onde permaneci durante toda minha visita mostra muitas imagens de pobreza, bairros muito sujos (inclusive alguns centrais como Centro Havana e várias partes do Vedado), muitos prédios sem pintura, desgastados, alguns praticamente destruídos. Em contraste, não há doenças como a dengue e outras, as casas da cidade são continuamente fumigadas para prevenir epidemias, ainda com escassez de médicos (muitos estão trabalhando na Venezuela) permanece o controle pelo médico da família dessa etapa de prevenção que diminui os casos que têm que receber atenção hospitalar. Esta última também continua sendo eficiente. Muitos remédios continuam sendo entregues de graça à população. A cesta básica cada dia mais básica está acompanhada de um amplo comércio livre com variados produtos, porém, os preços são exorbitantes para os baixos salários. Essa situação obriga o cubano à busca de outras atividades consideradas ilegais, embora não se perceba que exista repressão por isso. Circula de forma paralela o “dólar cubano” que apenas podem ter aqueles que trabalham em empresas mistas de capital do Estado cubano e do estrangeiro (para trabalhar nessas empresas apenas pode quem possui um aval da burocracia cubana), os que recebem remessas do exterior, cada vez mais escassas devido às restrições dos Estados Unidos, embora, tenha-se iniciado um outro expediente de enviar dinheiro, pagando pelo serviço, por intermédio dos poucos cubanos (principalmente das igrejas evangélicas) que recebem o visto dos

Estados Unidos.

O ambiente político apresenta mudanças, sobretudo nos comentários das pessoas, já não apenas exprimidos no reduzido espaço doméstico, também na rua e nos centros de trabalho referindo às dificuldades, à impossibilidade de comer e vestir com os baixos salários que recebem. Outros comentários aludem à negativa presença no mercado de duas moedas: o peso cubano e o dólar cubano¹. Segundo pude conhecer têm-se realizado assembléias nas quais se exprimiram esses problemas. No interior das casas, apesar da escassez, percebe-se um ambiente diferenciado, em relação ao abandono externo: há novas mobílias nas casas, estão arrumadas, pintadas e em relação à comida fazem maravilhas com os poucos produtos que recebem ou “resolvem”².

Mas, nenhum desses aspectos me surpreendeu e sim o ambiente intelectual que percebi ao frequentar ambientes públicos de debates. A programação da televisão cubana apresenta-se mais variada, ainda com alguns programas que reproduzem o mesmo discurso político da perfeição e portanto de que nada tem que mudar. Porém, há novas revistas cujos conteúdos temáticos são mais abertos ao debate e que possuem uma grande qualidade. Inúmeras atividades culturais, festivais de cinema, de jazz, obras de teatro, exposições de pinturas, tertúlias, cafés cantantes e reuniões de pessoas, muitas nem se conhecem, participando nas festividades religiosas como as festas dedicadas a Changó, Santa Bárbara.

Nos debates da *Revista Temas* (realizados uma vez ao mês, na primeira quinta feira do mês) presenciei o realizado no local do Hotel Presidente, nos primeiros dias de Dezembro. O debate aconteceu após a conferência de um reconhecido intelectual cubano, Fernando Martinez Heredia. O socialismo era o tema em questão e a seleção deste indicava uma mudança em relação a etapas anteriores porque o debate do socialismo nem poderia ser cogitado. Após o término da conferência começou o debate e a participação do público presente. Um argentino exprimiu as fraquezas da democracia burguesa, os seqüestros políticos que ainda ocorrem

na realidade da Argentina atual e os desaparecimentos de figuras sindicais, a carência de democracia para os milhares de pessoas que não têm o que comer e morrem de fome, sem assistência médica e que nem conhecem os intrincados caminhos das estruturas jurídicas da democracia. Uma socióloga cubana argumentou que, já era hora de não colocar em uma posição dicotômica a democracia com a justiça social.

Nesse caminho, o reclamo do editorial do jornal *Vitral* solicitava ampliar a democracia mediante uma consciente e comprometida participação do indivíduo:

Venha esse esforço dar poder aos cidadãos e fortalecer a vontade das pessoas para que cada decisão seja firme, cada obra seja feita com virilidade e perseverança, cada empresa se sustenha com a firmeza de espírito e a constância que fazem de um povo uma comunidade com consciência própria que é o signo primeiro da própria soberania. (*Vitral*, 2006, p. 6)

Outro dos participantes no debate referiu-se ao caráter do projeto do socialismo, sua inexistência tanto na prática como na literatura e portanto à sua vulnerabilidade ou pelo menos à necessidade de ser discutido. Outro intelectual referiu-se à experiência socialista cubana e sua carência de estudo crítico. Algum outro chegou a falar de que a terra tremia sob seus pés e criticou a existência de uma burocracia com poder econômico e político.

A revisão e leitura da revista *La siempre viva*, de recente aparição também foi uma surpresa. Sem dúvida, como já é tradição em Cuba, as revistas possuem desenhos muito bons, estão muito bem realizadas desde o ponto de vista estético. Mas, no caso da Revista *La siempre viva*, cujo diretor é Reinaldo González, possui uma linguagem mais livre em relação ao tratamento de temas antes proibidos, como o do homossexualismo.

A discussão em torno da diferença rompe com os conceitos da homogeneidade que se tem preconizado durante estes anos em Cuba. Por último, participei também de um grupo de estudo episcopal

e embora aqui o debate religioso fosse muito cuidadoso chamou-me a atenção a presença de grupos que participam de programas sociais em bairros muito pobres, neste caso na província de Matanzas, e o nascimento dos mais variados e raros novos grupos religiosos como um deles, homens que se agrupam em torno da idéia da sua condição de crianças.

Há diferenças sim, parecem proclamar estes indicadores que se exprimem lá e acolá, porém o mais importante é que elas são cada vez mais reconhecidas e suas reivindicações atendidas e, inexoravelmente, terminarão tendo sua representação política, se o processo de mudanças não é interrompido pela intervenção do governo dos Estados Unidos. Os membros do poder popular, os únicos sujeitos à votação, continuam sob o controle do Partido Comunista embora, agora, são selecionados dois para eleger apenas um. Também se apresenta algum e outro religioso evangélico dentre as fileiras dos candidatos. Mas aqui as mudanças se percebem muito lentas. Porém, dar respostas aos reclamos populares é um passo importante e isto está acontecendo no dia a dia da sociedade cubana. O processo que se tem iniciado é mais importante que o resultado alcançado: a atuação e a mobilização da sociedade civil. Penso que em Cuba algo está em movimento e há que segui-lo com atenção e, sobretudo, com uma olhada de simpatia, longe das comparações com processos em outros países cuja história e trajetória não têm nada a ver com a cubana.

O importante é que já o povo cubano começa a ser cada vez mais participativo e pede mudanças. Cuba não terá que transitar pelos caminhos seguidos por outros países nem chegar às formas adotadas por estes (Leste Europeu ou China), também não podemos exigir que Cuba siga o modelo ideal da democracia brasileira ou qualquer outra. Não há perfeição a alcançar, há processos e esperemos que o povo cubano participe, seguindo a cada momento o que a cada momento o povo e os indivíduos coloquem como o seu objetivo a alcançar. Como diz o poeta: “caminhante não há caminhos se fazem caminhos no andar”.

Notas

1 O governo de Estados Unidos interveio no ano de 1898 na Guerra contra Espanha que Cuba tinha iniciado no ano de 1895. Nos momentos em que todos os planos espanhóis para garantir o domínio sobre a colônia, tinham fracassado, aconteceu a explosão do vapor Maine de Estados Unidos no porto da Havana. Esta explosão serviu de pretexto para a intervenção de Estados Unidos nesta guerra. Inúmeros estudiosos consideram que o acontecimento foi provocado pelo próprio governo de Estados Unidos para justificar sua intervenção na Guerra de Cuba contra o colonialismo espanhol.

2 Ainda denominado dólar cubano apenas pode ser obtido mediante a venda do dólar americano ou o euro.

3 Resolver é um conceito muito utilizado em Cuba, é a busca do alimento pela troca, serviços ou outros meios que conformam o “invento cubano”.

Bibliografia

JORNAL *VITRAL*: Editorial, a. XIII, no. 74, Junho de 2006.

Notas da autora escritas durante o Debate da Revista *Temas de la cultura cubana*.

Dezembro de 2007